

ANDARILHOS, VIDAS ERRANTES E ENVELHECIMENTO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-119>

Data de submissão: 12/10/2024

Data de publicação: 12/11/2024

José Sterza Justo

Livre Docente em Psicologia do Desenvolvimento
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Campus de Assis)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9231261609370258>
E-mail: sterzajusto@yahoo.com.br

Mariele Rodrigues Correa

Doutora em Psicologia
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Campus de Assis)
E-mail: Mariele.correa@unesp.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7034542530075753>

Laura Meira Bonfim Mantellatto

Doutora em Psicologia
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Campus de Assis)
E-mail: laurameira_@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6326204641262484>

Celerino Ruiz Solís

Graduado em Psicologia
Universidad Nacional Autónoma de México
E-mail: cceleruiz@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0592130624316853>

RESUMO

O presente artigo focaliza a interseccionalidade entre o processo de envelhecimento e a condição de vida de andarilhos de estrada – pessoas que abandonaram a vida urbana sedentarizada e desertaram para as rodovias, passando a viver como errantes, caminhando diariamente pelos acostamentos e pernoitando debaixo de pontes e viadutos ou em algum recanto de postos de combustíveis e restaurantes onde, também, conseguem a doação de comida. A pesquisa foi norteada pelas seguintes indagações: como é a experiência de envelhecer na estrada, como errante? Quais os principais problemas, desafios e perspectivas? Foram entrevistados andarilhos, nos acostamentos das rodovias, de todas as faixas etárias, incluindo os maiores de 60 anos. Os resultados indicam que há a percepção, entre eles, de um envelhecimento precoce, porém não se preocupam com o envelhecer. Pensam em abandonar a vida na estrada apenas quando não puderem mais caminhar, se entregando a qualquer destino, como uma instituição para idosos, ou até à própria morte.

Palavras-chave: Envelhecimento, Andarilhos, Rodovias, Errância.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população tem sido tomado como objeto de estudo por diferentes disciplinas científicas e como objeto de atenção pelas políticas públicas na medida em que os censos demográficos apontam o crescimento da proporção da população de idosos com seus impactos na economia, na política, na organização social e familiar, na saúde, nos indicadores de qualidade de vida, dentre outros (AZEVEDO, 2023).

Diante do complexo cenário das condições atuais de vida dos idosos e das projeções que indicam um número cada vez maior de pessoas idosas e menor de crianças e jovens, em virtude da queda da taxa de natalidade, as ciências têm voltado seus esforços para assegurar não apenas o aumento da longevidade, mas também melhorias na qualidade de vida na velhice. Noções de envelhecimento saudável, ativo e de envelhecimento bem-sucedido se irradiaram pelas diferentes disciplinas que compõem o campo da Gerontologia e tem norteado muitas pesquisas nessa área (FONSECA, 2016).

Outra noção importante que igualmente está se disseminando na produção de conhecimento, na atualidade, se refere ao reconhecimento da multiplicidade e das diferenças das experiências do envelhecer. Cada vez mais se constata que o envelhecimento não ocorre de maneira igual para todos, que essa experiência ou as condições nas quais as pessoas envelhecem são diferentes. A interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) tem sido bastante assimilada nos estudos do envelhecimento e gerado conhecimentos mais refinados quanto às especificidades das experiências e das condições de vida dos idosos relacionadas à classe social, gênero, raça e etnia, ambiência psicossocial, orientação sexual e outros atravessamentos, tais como sinalizam os estudos de Araújo e Silva (2020), de Correa et.al. (2023), de Vieira et.al. (2023), de Azevedo (2023), dentre outros.

A despeito de todas essas interseccionalidades investigadas, outras ainda estão por serem descobertas e abordadas, dada a complexidade do fenômeno do envelhecimento. Uma delas, praticamente desconhecida pela ciência, diz respeito à experiência do envelhecimento por aqueles cujas vidas são marcadas pela deserção dos assentamentos e das territorialidades que dão suporte a um modo de vida sedentarizado, isto é, relativamente estável, calcado em temporalidades e espacialidades delimitadas e duráveis, características da vida corrente. Esse é o caso dos assim chamados andarilhos são pessoas que desertaram da vida sedentarizada, abandonaram eventuais empregos, trabalhos temporários ou “bicos” que faziam como fonte de renda, que abandonaram família (esposa, filhos ou pais), abandonaram uma residência, a vida cidadina, círculos e relações de amizade e outras territorialidades e tomaram o “rumo da estrada” ou “partiram para o trecho”, como eles mesmos dizem (JUSTO, 2011). Vivem a sós, caminham solitariamente e dificilmente adentram as cidades. Alguns

estão há bastante tempo no “trecho”, como chamam seu habitat diário - os segmentos das estradas que percorrem no dia a dia - e muitos declaram possuir idades acima de 60 anos.

Os andarilhos de estrada são praticamente invisíveis aos olhos da ciência, da sociedade ou do Estado. Não existem estatísticas estimativas do número dessa população e muito menos qualquer descrição do seu perfil no território brasileiro. Vivem à mercê do acaso, da imprevisibilidade do que pode acontecer ao longo de suas caminhadas pelos acostamentos e da maneira como podem ser recebidos e tratados em postos de serviços, em restaurantes e lanchonetes que adentram ocasionalmente para conseguirem uma refeição, um recanto para o pernoite ou pelos funcionários das concessionárias das rodovias, caminhoneiros e outros personagens que transitam pelas estradas. Alguns chegam a declarar que vivem no trecho há mais de 30 anos e boa parte não pretende sair desse modo de vida ou não acredita na possibilidade de voltar a ter um emprego, uma moradia, enfim, de retornar à algum modo de sedentarização.

Scremim (2022) realizou um importante estudo com andarilhos de estradas nas rodovias federais do Estado do Paraná, em pesquisa desenvolvida ao longo dos anos 2019 e 2020. Com a colaboração da Polícia Rodoviária Federal, foi aplicado um questionário a 85 andarilhos que passaram pelas bases policiais, a fim de traçar um perfil dessa população. Constatou-se que a idade variava de 18 a 64 anos, que 56% se situavam na faixa de 31 a 50 anos e somente uma pessoa, correspondendo a 2% dos entrevistados, declarou que possuía mais de 60 anos. Em relação ao tempo de vida no trecho verificou-se que 54,5% declararam que estavam vivendo na estrada há, pelo menos, 10 anos; 29,5% entre 11 e 20 anos; 7% entre 21 e 30 e 9% estavam há mais de 30 anos. Trata-se de um estudo pioneiro quanto à tentativa de mapear o perfil dessa população e gerar dados quantitativos, inexistentes na literatura científica ou em estatísticas geradas por órgãos ou serviços públicos brasileiros. Os estudos e dados censitários que mais se aproximam da realidade vivida pelos andarilhos, relativamente abundantes, são aqueles realizados com pessoas em situação de rua, dentre a qual é possível identificar os chamados “trecheiros”: pessoas que vivem em constante trânsito de cidade em cidade, à procura de trabalhos sazonais ou sobrevivendo da ajuda de entidades assistenciais públicas ou filantrópicas (JUSTO, 2023). Embora os trecheiros possam, eventualmente, transitar a pé pelos acostamentos das rodovias, não se confundem com os andarilhos que vivem exclusivamente nas estradas.

O que se pode depreender dessa pesquisa quantitativa e de pesquisas qualitativas conduzidas por Justo e colaboradores (JUSTO, 2023; JUSTO; SILVA, 2023; JUSTO; SILVA, 2020; FREITAS; JUSTO 2020) é que existe a presença de pessoas idosas, acima de 60 anos, entre os andarilhos de estrada, mesmo que em proporção menor do que de outras idades e que a experiência do envelhecimento, nessas condições, traz outras especificidades, além daquelas apontadas anteriormente.

Além disso, os andarilhos, mesmo aqueles que não atingem o critério etário de 60 anos, envelhecem na estrada, no caminhar pelo espaço e tempo.

É exatamente esse envelhecer na estrada que se pretende abordar neste artigo, elaborado a partir de um recorte numa ampla pesquisa que vem sendo conduzida sobre o modo de vida errante dos andarilhos, com financiamento da FAPESP, processo n. 2021/13434-5.

2 OBJETIVO

O objetivo principal dessa pesquisa consistiu em ampliar as interseccionalidades dos estudos sobre o envelhecimento humano, para abarcar especificidades, problemas e desafios da experiência do envelhecer em andarilhos de estrada. Como vivem os andarilhos longevos? E para aqueles que ainda não alcançaram a idade de 60 anos, mas estão envelhecendo nas estradas, o que pensam sobre a velhice? É possível utilizar os mesmos marcadores e critérios para diferenciar, tipificar ou categorizar “idosos” andarilhos? Haveria um envelhecimento precoce entre os andarilhos de estrada quando comparados com não andarilhos? O que os estudo do envelhecimento dos andarilhos de estrada acrescenta ao conhecimento científico e à formulação de políticas públicas voltados para os idosos, tomados em sua complexidade e diversidade? Essas são as indagações centrais que norteiam o presente artigo.

3 MÉTODO

Trata-se de um recorte de um projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido há anos com andarilhos de estrada, no estado de São Paulo. Vários aspectos já foram investigados, tais como motivos da ruptura com a vida sedentarizada, estratégias de sobrevivência na estrada, agruras enfrentadas nesse modo de vida, realizações, sentidos das perambulações pelas rodovias, questões de gênero que se colocam na errância pelas estradas, riscos e perigos enfrentados, dentre tantos outros. Contudo, o envelhecer na estrada, a experiência do envelhecimento no trecho, embora aparecendo nas falas dos andarilhos, nunca foi tratado especificamente.

Para tanto, foram selecionados trechos de entrevistas realizadas entre agosto de 2022 e junho de 2023, com andarilhos de estrada, para a discussão específica do envelhecimento nessa população. Os aspectos éticos foram devidamente resguardados, conforme a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer número 7.033.346.

A pesquisa de campo com andarilhos de estrada traz desafios próprios e coloca exigências pouco afeitas às pesquisas tradicionais em psicologia social ou mesmo nas etnografias clássicas da

antropologia. Adentrar o mundo do andarilho ou tentar fazer imersões nele, cartografar ou realizar etnografias demanda, metodologicamente, equiparar-se às condições em que eles vivem e assumi-las no modo de fazer pesquisa (JUSTO, LIMA, CEDENO, 2019). O acaso, a provisoriedade, a efemeridade, imprevisibilidades, o deslocamento, a errância são algumas das condições que precisam ser assumidas pelo pesquisador em seu fazer científico. Não existe outro modo de contato ou de aproximação com o mundo do andarilho a não ser saindo, tal como eles, para a estrada, para as rodovias e, da mesma forma, sem um rumo, trajeto ou duração do percurso rigidamente estabelecido, ainda que no conforto de um veículo.

Quanto aos procedimentos e instrumentos utilizados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, nos próprios acostamentos das rodovias. As abordagens são feitas seguindo um protocolo criado ao longo da experiência acumulada. Avistado um andarilho, o veículo é estacionado, no acostamento, a uma certa distância e os entrevistadores vão ao encontro dele, cumprimentam, se apresentam e perguntam se ele está com tempo e disposição para uma conversa. Caso responda positivamente, é feita uma explanação, bem clara, sobre os objetivos da pesquisa, é apresentado o termo de livre consentimento em participar da pesquisa e registrado o pedido de concordância. O participante é consultado sobre a forma de registro da entrevista: gravação em vídeo, somente em áudio ou apenas com anotações por escrito para relato posterior. Além da entrevista, concomitantemente, são feitas observações incluindo a indumentária (roupas utilizadas, boné, tipo de calçado, objetos que carrega consigo e onde os acondiciona, carrinhos de mão ou bicicleta que, eventualmente, utiliza para facilitar o transporte de pertences) e a paisagem da estrada (característica da rodovia – pista simples ou dupla, existência de mureta central, estado de conservação, principalmente do acostamento, fluxo de trânsito; postos de serviços, praças de pedágios e bases de operação das concessionárias e da polícia rodoviária; o entorno da rodovia – atividades rurais, comerciais ou industriais instaladas nas suas adjacências), proximidades de cidades, casas residenciais ou outros tipos de edificações em sítios e fazendas circunvizinhos e outros elementos fixos da paisagem.

Para os propósitos do presente artigo foram selecionadas 36 entrevistas realizadas com andarilhos nos acostamentos das rodovias onde caminhavam, no período citado anteriormente (entre agosto de 2022 e junho de 2023), nas seguintes rodovias paulistas: rodovias Raposo Tavares (SP 270), entre as cidades de Presidente Prudente (SP) e Avaré (SP); rodovia SP 327, entre Ourinhos (SP) e Santa Cruz do rio Pardo (SP); rodovia SP 333, entre as cidades de Assis (SP) e Ribeirão Preto (SP); Rodovia Castelo Branco (SP 28) entre as cidades de Santa Cruz do Rio Pardo (SP) e Sorocaba (SP); Rodovia Anhanguera (SP 330), entre as cidades de Campinas (SP) e Ribeirão Preto (SP); Washington Luís (SP 310), entre as cidades de São José do Rio Preto (SP) e São Carlos (SP); Rodovia Marechal

Rondon (SP 300) entre as cidades de Araçatuba (SP) e Bauru (SP); rodovia SP 225, entre as cidades de Santa Cruz do Rio Pardo (SP) e Bauru (SP) .

As entrevistas foram selecionadas nas categorias relacionadas às falas dos entrevistados sobre a experiência do envelhecimento na estrada. Esses trechos de rodovias foram escolhidos por se constituírem em importantes corredores rodoviários. Embora não tenha sido considerado um dado relevante para essa pesquisa, foi constatado um fluxo maior de andarilhos nas rodovias Raposo Tavares, Castelo Branco e rodovia Anhanguera.

As entrevistas foram analisadas quantitativamente e qualitativamente. Na análise quantitativa foram computados a idade de cada entrevistado e o tempo que cada um vive no trecho, como andarilho. Na análise qualitativa foi utilizada a técnica da análise de conteúdo, proposta por (Bardin 1977), para identificação e categorização das unidades de sentido que qualificam a fala dos entrevistados quanto aos assuntos e temas abordados. No presente artigo, foram relacionadas duas categorias sobre o envelhecimento, a saber: “Problemas e desafios para o envelhecimento na vida errante pelas estradas” e “A experiência do tempo e a perspectiva da velhice”.

3.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA: ANDARILHOS, QUEM SÃO E COMO VIVEM?

Andarilhos de estrada são pessoas que vivem caminhando pelos acostamentos das rodovias, carregando um saco ou mochila às costas nos quais acondicionam todos seus pertences. Normalmente levam consigo uma garrafa d’água, alguma sobra de alimento, uma ou outra peça de roupa, agasalho ou coberta, um pedaço de lona de plástico para se proteger de chuva ou forrar o chão para dormir. Existem aqueles que utilizam bicicletas ou um carrinho de mão improvisados para carregarem seus pertences (JUSTO, 2023).

Os “carrinheiros” normalmente levam entre seus objetos algum tipo de fogareiro (a gás ou a álcool), utensílios básicos de cozinha, mantimentos, água potável, roupas e agasalhos, produtos de higiene pessoal e limpeza, ferramentas para pequenos reparos, objetos que recolhem nos acostamentos para comercialização, como recicláveis e sucatas, lonas plásticas para forrar o chão ou improvisar um pequeno teto ou cobertura, objetos de valor sentimental e tantos outros itens que variam, dependendo do valor de uso ou até de troca que possuem para cada um.

Uma importante distinção a se fazer dentre esses caminhantes dos acostamentos da rodovia diz respeito às suas relações com as cidades, com o ambiente citadino. Os andarilhos vivem diuturnamente na estrada, habitam as rodovias, fazem delas sua morada, transformam seu caminhar ou perambulações errantes numa forma de existência. Evitam o ambiente citadino. Adentram as cidades apenas em casos de extrema necessidade, tais como um problema grave de saúde, intempéries severas, venda de

materiais recicláveis que recolhem nas estradas, compra de gêneros alimentícios, conserto de suas bicicletas ou carrinhos de mão, uma ida esporádica a um caixa eletrônico, dependendo de cada caso. Afirmam não gostar do ambiente citadino, que consideram refratário a eles e perigoso.

Os denominados “trecheiros”, diferentemente dos andarilhos, buscam o ambiente urbano, vivem em constante trânsito de cidade em cidade nas quais, via de regra, acabam interagindo com as pessoas em situação de rua, que vivem no lugar. Recorrem à ajuda dos serviços de assistência social da municipalidade para alimentação, vestuário, pernoite e, principalmente, para a obtenção de passes de viagem de ônibus para outras cidades. Recorrem, ainda, à ajuda da população local mediante do que chamam de “achaque” ou de “mangueio”, ou seja, de pedidos de doação em dinheiro. Os trecheiros caminham pelos acostamentos das rodovias normalmente quando não recebem os passes de viagem dos serviços de assistência social das cidades ou não os conseguem para os destinos que pretendem. Quando estão caminhando pelos acostamentos das rodovias podem ser facilmente confundidos com os andarilhos.

Dentre outras diferenças entre eles, existem aquelas relacionadas aos motivos que os levaram a abandonar a vida sedentarizada, passando a viverem como errantes, caminhando pelos acostamentos, e o sentido que atribuem a esse modo de vida. Alguns abandonaram família, emprego, residência por se sentirem extremamente desafortunados, desolados com a miséria em que viviam, com conflitos e desavenças familiares, segundo eles, tornando a vida insuportável. Outros mergulharam em profundos sentimentos de perda, depressão e esvaziamento do sentido da vida diante da morte dos pais, da esposa ou de filhos com os quais mantinham fortes vínculos. Nesses casos, rumar para a estrada, num vagar sem destino, se afigurou como uma saída ou fuga de sofrimentos intensos. Existem aqueles que vislumbraram na estrada e no caminhar a busca da liberdade, de aventuras, a exploração de outros lugares e paisagens e a expansão da vida. Também é possível encontrar, dentre eles, quem se imagina estar cumprindo uma missão atribuída por alguma divindade ou auto imputada por uma fatalidade da vida. Em alguns casos, trata-se de uma missão grandiosa, tal como a de salvar a humanidade de alguma catástrofe ou de um caos iminente. Em outros, parece predomina a missão de perambular pelas estradas como um castigo, como tentativa de reparação de uma culpa por dívidas pesarasas, porém difíceis de serem apreendidas (JUSTO, NASCIMENTO, 2005). Uso abusivo de bebidas alcoólicas e de drogas é, também, um motivo declarado por eles para passarem a viver perambulando pelas rodovias ou, o que é mais comum, perambulado de cidade em cidade, como no caso dos trecheiros (NASCIMENTO & JUSTO 2000; BULL & BERNARDO, 2011)

Parte deles encaram a errância pelas estradas como uma vida de penúria e sofrimento da qual gostariam de se livrar, se tivessem uma oportunidade, enquanto outra parte se diz desiludida com a

vida sedentarizada que tinha anteriormente e busca na errância pelas estradas, “sem eira, nem beira”, a possibilidade de uma vida melhor ou, pelo menos, não opressiva tal como muitos qualificam sua vida pregressa (JUSTO, 2023).

As estratégias sobrevivência são distintas, sobretudo, entre os andarilhos e trecheiros. Os primeiros recorrem aos postos de serviços e restaurantes existentes nas rodovias para conseguirem um local para dormir (ou dormem no “mato”, como dizem, estendendo um plástico para forrar o chão e uma coberta para se agasalharem), para conseguirem água e comida, normalmente doada pelos restaurantes. Ao longo desses anos de pesquisa e entrevista, andarilhos e trecheiros afirmaram que não passam fome na estrada. Os restaurantes doam um “marmitex”, contudo, desde que não permaneçam no recinto e prossigam a caminhada. Os “carrinheiros”, principalmente, conseguem alguma renda com a venda de materiais recicláveis que recolhem nos acostamentos. Os trecheiros também recorrem à ajuda dos restaurantes instalados nas rodovias, mas a principal estratégia de sobrevivência advém dos “achaques” e “mangueios” pelas cidades e da ajuda da assistência social dos municípios. Alguns realizam bicos na cidade e na zona rural.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 DADOS QUANTITATIVOS PRELIMINARES SOBRE IDADE E TEMPO DE VIDA NO TRECHO

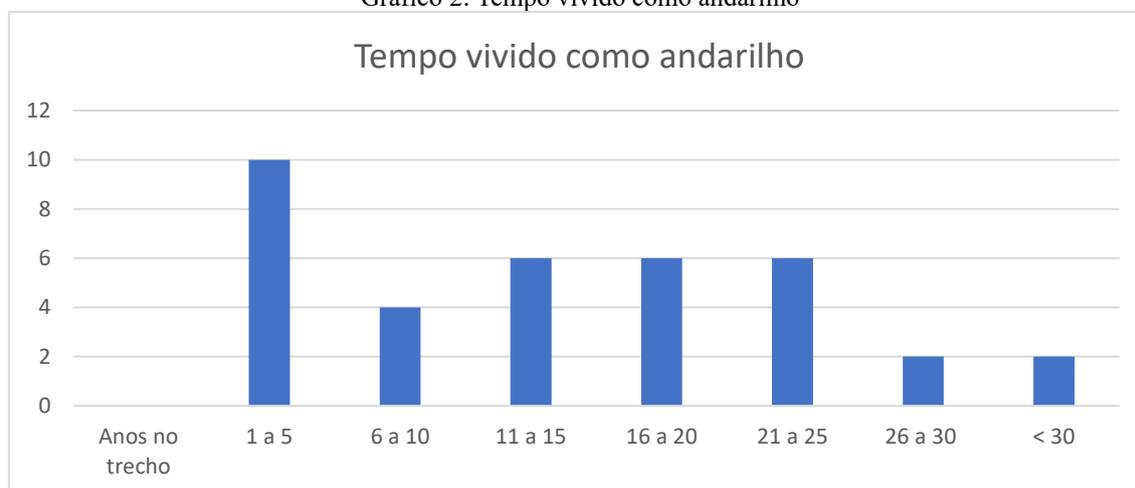


Fonte: os autores

Com relação à faixa etária, uma parte significativa dos 36 entrevistados tem entre 41 e 50 anos e estão envelhecendo na estrada. Sete andarilhos afirmam ter mais de 60 anos. O tempo vivido no

trecho variou de um mínimo de um ano e um máximo de 48 anos. A média do tempo vivido no trecho foi de aproximadamente 15 anos, enquanto a média de idade foi de aproximadamente 44 anos.

Gráfico 2: Tempo vivido como andarilho



Fonte: os autores

Na pesquisa de Scremin (2022), a média de idade foi de aproximadamente 40 anos, semelhante à da nossa (44 anos). Outro dado relevante aferidos por ambas as pesquisas refere às prevalências de faixas etárias. No estudo de Scremin (2022), 56% dos entrevistados encontravam-se na faixa etária entre 31 e 50 anos. Em nossa pesquisa a proporção dessa faixa etária foi bem mais alta (80%), com uma maior concentração entre as idades de 41 a 50 anos. Outra diferença significativa está relacionada às proporções aferidas entre aqueles de idades mais avançadas. Na pesquisa de Scremin (2022), a proporção de andarilhos acima de 60 anos foi de 2%, ou seja, apenas um, num universo de 85 andarilhos, enquanto na nossa essa proporção atingiu 28% ou, em números absolutos, sete, dentre 36.

Quanto ao tempo de vida no trecho houve uma diferença significativa. O estudo de Scremin (2022) registrou a predominância daqueles que estavam até 10 anos (54,5 %), enquanto o nosso registrou a predominância daqueles que estavam vivendo há mais de 10 anos no trecho (57%). No entanto, é preciso considerar que ambas as pesquisas não são totalmente equiparáveis porque se diferenciam quanto ao número de participantes entrevistados (uma contou com 85, a outra com 36) e quanto à região nas quais foram realizadas. Uma, nas rodovias federais da região de Campos Gerias, do Estado do Paraná, enquanto a outra foi realizada nas rodovias estaduais do estado de São Paulo.

Seria necessário um levantamento bem mais amplo do que essas duas pesquisas para se chegar a dados mais precisos e conclusivos. Entretanto, são as duas únicas pesquisas existentes no país que trazem dados quantitativos e qualitativos sobre o modo de vida dos andarilhos em suas perambulações

pelos acostamentos das rodovias. Constituem um ponto de partida crucial para o aprofundamento do conhecimento e para o ensejo de alguma política pública, já tardia, dirigida a essa população.

4.2 PROBLEMAS E DESAFIOS PARA O ENVELHECIMENTO NA VIDA ERRANTE PELAS ESTRADAS

Os dados sobre o tempo já vivido no trecho são bastante significativos e servem como referência para se estimar o crescimento da população de andarilhos. À semelhança do que ocorre com as projeções demográficas, no geral, podemos conjecturar, que também haverá um envelhecimento da população de andarilhos e trecheiros. Primeiro porque, como eles afirmam categoricamente, com o passar do tempo, no trecho, a possibilidade de se retornar à vida sedentarizada vai ficando mais distante e inviável. O distanciamento de familiares e de algum vínculo com pessoas sedentarizadas vai se aprofundando até chegar a uma ruptura total; a criação e domínio de estratégias de sobrevivência na estrada vão se aprimorando; eventuais perspectivas de retorno ao sedentarismo se desvanecem e, o que muitos destacam, a vida no trecho se transforma em uma espécie de “vício” que é difícil abandonar. A maioria daqueles que estão há anos na estrada afirma que não pretende abandonar esse modo de viver, que quando fazem alguma parada, por algum motivo de força maior, se sentem angustiados e com um enorme desejo de voltar às caminhadas e errâncias pelas estradas. Um andarilho disse, textualmente: “quando fico muito tempo parado sinto coceira no pé”. Outro entrevistado relatou a sua experiência dessa sanha de caminhar:

Por eu estar com quase 50 anos, agora eu fico um pouco na cidade, mas no começo eu nem parava em cidade, eu andava, andava. Eu andei de passo a passo, sem carona, sem ajuda, da praia do Bessa, de João Pessoa na Paraíba, até Pedro Juan Cavallero, Paraguai, de Ponta Porã, sem descanso, de domingo a domingo, de segunda a segunda, foi aonde eu infeccionei o meu pé, e ali eu tive uma infecção quase generalizada, paralisando meu lado esquerdo do corpo, aonde minha família teve que me resgatar e eu fiquei um ano sem andar. Então eu posso dizer, literalmente, que eu andei até meu pé sangrar

O caminhar e o viver de forma errante pode se transformar numa compulsão. Esse tipo de compulsão foi, há tempos, diagnosticado na psicopatologia como “dromomania” ou mania de deambulação, conforme pode ser observado no Dictionary of Psychology (APA, 2018) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (APA, 2014).

Outro dado que aponta para o crescimento da população de idosos entre os andarilhos é o fato de não existir qualquer política de assistência ou proteção social que pudesse, dentre outras ações, dar a aqueles que assim desejam, alguma alternativa de saída de estrada e da vida errante.

Praticamente todos os 36 entrevistados, quando perguntados sobre o envelhecer na estrada, afirmaram que é um processo muito difícil. Segundo eles, o cansaço vai se intensificando com a idade,

a disposição para caminhadas mais longas diminui consideravelmente, começam a surgir incômodos tais como dores no corpo, falta de vigor físico e até ânimo para enfrentar as adversidades e contratempos do dia a dia. Alguns afirmam que nem gostam de pensar no assunto, que pretendem continuar na estrada “até quando der” ou “até quando Deus quiser”, e depois se entregarão à própria sorte. Não vislumbram qualquer alternativa para o futuro, com o avanço da idade.

Próximo aos 50 anos de idade, o entrevistado cujo trecho de uma fala foi citado anteriormente, atribuiu a essa idade a diminuição do ritmo de suas caminhadas na estrada e a opção por um maior tempo de estadia nas cidades por onde passava. As condições de vida dos andarilhos impõem exigências ao corpo que podem diminuir consideravelmente sua resistência a longas ou constantes caminhadas, ainda mais quando o tempo de vida no trecho é significativamente acentuado. A exposição ao sol, a falta de cuidados mínimos com a saúde, o esforço para carregar seus pertences, sobretudo no caso dos carrinheiros e daqueles que penduram em seus corpos vários sacos razoavelmente pesados ou daqueles que fazem longos percursos diários pedalando velhas e precárias bicicletas, a alimentação dependente daquilo que lhes é doado ou, então, preparada de forma improvisada na beira do acostamento e assim por diante, maltrata e sobrecarrega o corpo e pode acelerar o ritmo do envelhecimento. A pele queimada e enrugada, mãos calejadas, dentição com falhas e cáries, pés com rachaduras e escurecidos são alguns dos sinais da ação do tempo cronológico sobre o corpo dos andarilhos que gerou no pesquisador, na maior parte dos entrevistados, a impressão de uma idade bem superior à declarada por eles.

Independente do tempo no trecho e do tempo de vida, é muito provável que em algum momento os andarilhos tenham que abandonar a vida errante na estrada. Segundo afirmaram, categoricamente, não é possível envelhecer plenamente na estrada ou permanecer nela até o fim da vida, a não ser em casos de morte por atropelamento ou de morte súbita por algum problema de saúde não tratado. É inviável viver na estrada com alguma dependência, principalmente motora ou com algum comprometimento da locomoção. Eventuais deficiências cognitivas ou problemas emocionais até são contornáveis, mas aqueles referentes à motricidade não.

Aqueles que vislumbram alguma alternativa para quando não puderem mais caminhar e viver como andarilhos mencionam a procura de ajuda em serviços de assistência social, nas cidades, para uma internação em uma instituição para idosos. São raríssimos os casos de menções a alguma possibilidade de se procurar ajuda e amparo na velhice junto a familiares. Isso faz com que a demanda pela ajuda da assistência social, no amparo à velhice dos andarilhos, possa ser até maior do que nos casos da velhice sedentarizada.

O caso de um andarilho entrevistado que declarou ter 69 anos de idade e estar vivendo no trecho há 58 anos é bastante radical quanto à questão do envelhecer na estrada. Segundo ele, com aproximadamente nove anos de idade já teria se iniciado na errância, primeiramente vivendo na rua e, depois, teria partido definitivamente para a estrada, para viver como andarilho.

Segundo seu relato: “minha mãe me doou para uma família. Eu dava problema para a família, era muito doente e a família não me criou, eu era muito doentio, ia dar problemas para eles, então me colocaram num orfanato”. Depois de um tempo na instituição, fugiu de lá e morou com “dois guris, mas não deu certo e caí no trecho”. Isso tudo teria ocorrido em Ponta Grossa (PR). Segundo ele, no início “não foi difícil viver no trecho, porque tinha muito trabalho, fazia bico em sítios, fazendas”. Também trabalhou como catador de papelão e depois caiu na estrada definitivamente.

O entrevistado afirma que teria, ainda, seis anos para viver na estrada. Em suas palavras: “me formei na estrada e envelheci na estrada”. Na medida em que a idade vai avançando, o corpo enfraquece e fica mais difícil andar, fazer longas caminhadas de 40 ou 60 km em um dia, segundo ele disse, somando-se à fala de outros entrevistados. Ponderou que ainda consegue caminhar até 30 km em um único dia, se for necessário.

De acordo com o entrevistado, ele não costuma ter problemas de saúde. Relatou que teve problema de próstata que prendia a urina. Procurou atendimento médico e recebeu medicação. O médico teria dito que ele deveria usar sonda. Mas argumentou que não tinha como usar sonda. “Como vou andar por aí com um saquinho pendurado?”, indagou. Viveu com dificuldades por algum tempo até que um amigo lhe recomendou um remédio caseiro: “chá de um cipó chamado escada de macaco”. Segundo ele, teria tomado o chá por vinte dias e resolvido o problema. Continua tomando essa bebida até então e que os “conhecidos” compram para ele pela internet.

Declarou que recebe “auxílio idoso, do governo”. Entra em alguma cidade, mensalmente, para sacar o benefício, mas, segundo ele, não é o suficiente para a alimentação e demais despesas básicas. Não vislumbra outra alternativa de vida, fora da estrada, recolhido em algum tipo de assentamento ou abrigo. Disse textualmente: “ninguém vai acolher”. Afirmou que não tem a intenção de sair da estrada e que pretende continuar nela até quando for possível ou morrer.

Dos doze entrevistados que declararam ter idade acima de 60 anos, apenas um afirmou que recebia aposentadoria e outro disse que recebia todo mês “auxílio do governo”. Soma-se a esse dado o fato de que predomina entre eles um grande sentimento de frustração e distanciamento social que os leva a ignorar a possibilidade de pleitear algum tipo de benefício ou auxílio de programas sociais governamentais ou de instituições filantrópicas. Uma parte diz que nunca procurou qualquer tipo de assistência social, enquanto outros disseram que não foram bem atendidos ou até que se sentiram

maltratados, o que acaba produzindo um descaso e descrédito dos andarilhos em relação à sociedade e ao modo de vida sedentarizada dos quais desertaram.

4.3 A EXPERIÊNCIA DO TEMPO E A PERSPECTIVA DA VELHICE

A preocupação com o envelhecimento é bastante tênue entre os andarilhos. Nenhum dos 36 entrevistados, quando perguntados sobre os principais problemas e desafios no trecho, mencionou espontaneamente a velhice. Mesmo quando questionados especificamente sobre como imaginavam viver quando ficassem mais velhos, titubeavam na resposta, diziam que não pensavam nisso ou, então, respondiam genericamente mencionando a possibilidade de passarem a viver em uma instituição para idosos, porém, sem demonstrar uma grande preocupação com o avanço da idade e com as consequentes dificuldades para continuarem a vida caminhando pelas rodovias.

A velhice não aparece em suas falas como um problema, pelo menos não na intensidade e na forma como acontece com os sedentarizados. Nesses, ronda a preocupação com a aposentadoria, com as possíveis doenças e limitações físicas e mentais, com a garantia do cuidado e proteção dos familiares, com uma possível viuvez, dentre tantas outras (VELOZ, NASCIMENTO-SCHULZE, CAMARGO, 1999; DANIEL, ANTUNES, AMARAL, 2015). Nada disso aparece nas falas dos andarilhos. O tempo ou as temporalidades, tão marcantes da vida sedentarizada, sobretudo aquelas que se remetem à visadas de futuro, não estão nos seus horizontes de vida. Assim como não se orientam por um lugar de destino de suas caminhadas, por pontos de partida e de chegada, também não perseguem um futuro, um amanhã vislumbrado adiante para suas vidas ou um ideal de vida na velhice.

O marco principal da velhice, para os entrevistados, é o próprio caminhar e não um lugar de chegada ou uma vida almejada adiante. A chegada da velhice, para eles, será dada quando não puderem mais caminhar, quando o corpo não conseguir suportar. A partir daí, nada mais importa: qualquer coisa servirá. O temor de residir num asilo de velhos, que faz parte do imaginário da grande maioria das pessoas sedentarizadas, não acomete os andarilhos. Ao contrário, a perspectiva de ser asilado, na velhice, pode ser até benvinda para eles.

A experiência do tempo cronológico não possui qualquer centralidade na vida dos andarilhos, diferentemente do que ocorre com os sedentarizados. Não se orientam pela cronometria dos relógios, por esse tempo abstrato, de acordo com as concepções de Bergson (2006). Se movimentam pelo tempo vivido, pelo nascer e pôr-do-sol, pelas condições climáticas (frio, calor, estiagem, chuva), pela topografia das estradas (aclives, declives esforço para caminhar), estimativa de duração das caminhadas em cada trecho, estimativa da duração da caminhada entre um posto de serviço e outro ou entre cidades, pela sensação de sede ou fome. Se orientam, portanto, pelo tempo real, pelo tempo

vivido cotidianamente (BERGSON, 2006), que não decorre de um cronômetro mecânico ou digital, de um sistema de medida matemático formal que se impõe sobre a vida (hora para acordar, para dormir, para trabalhar, para fazer as refeições e assim por diante).

Por isso mesmo, diferentemente dos sedentarizados que se orientam por uma cronometria, derivada do calendário, que estabelece as etapas de vida pelo número de anos, os andarilhos não estimam a chegada da velhice em número de anos a chegada da velhice, mas sim quando não puderem mais caminhar e isso apenas a experiência, o vivido, poderá dizer. A duração da vida como andarilho, para eles, não pode ser estabelecida pelo número de anos, mas sim pela duração da experiência, pelo tempo que durar a caminhada, enquanto durar a errância pelas estradas. Para o andarilho, o tempo se faz ao caminhar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das interseccionalidades entre o processo de envelhecimento e o nomadismo ou a errância abre um campo significativo de problematizações sobre os processos de subjetivação que irrompem no mundo atual governado por forças cinéticas que impulsionam o ser humano a expandir seus espaços e acelerar suas movimentações em todos os planos da vida: no afetivo, cognitivo, social, econômico, cultural, dentre outros.

O fenômeno relativamente recente da incitação ao envelhecimento ativo denota a tendência à compressão tempo/espaço na qual a vida é levada a abandonar estabilidades e estacionamentos psicossociais, transpor fronteiras de todo tipo (geográficas, nacionais, culturais, afetivas, cognitivas, identitárias dentre outras) e se acelerar o máximo possível. As antigas imagens dos “velhinhos vagarosos e trancafiados em casa com pantufas e pijamas” (CORREA, 2009) é hoje substituída por longevos saudáveis e ativos, circulando pela cidade, em viagens pelo país e pelo exterior, frequentando shoppings e se tornando consumidores funcionais, dentre outras demonstrações de vitalidade (ROZENDO, JUSTO, 2011). Paralisações no espaço e no tempo passaram a ser tomadas como signo de finitude, da morte ou de dessubjetivação, aqui entendida como despontecialização ou anulação do sujeito.

A valorização da celeridade da vida traz consigo a preocupação com o tempo. É preciso criar mais tempo, romper e ultrapassar fronteiras, explorar e desbravar espaços. A busca incessante pelo aumento da longevidade, pela ampliação e diversificação das experiências traz consigo a valorização e preocupação com o tempo e com os espaços. Torna-se um imperativo da vida viver intensamente o máximo de experiências, transitando de um lugar a outro, flinando por objetos, relações vínculos, referências culturais e identitárias e assim por diante.

O tempo acaba sendo o desafio maior. Não há limites intransponíveis para a exploração de espaços, mas para o prolongamento do tempo cronológico sim. Chronos, tal como os gregos deificavam o tempo cronológico, continua exercendo seu poder absoluto e implacável. O espectro da morte e da finitude assolam os vivos na corrida contra o tempo inesgotável numa sociedade que não cessa de ofertar possibilidades de prazer, gozo e realizações. Uma sociedade na qual o tempo é contínuo, como afirma Deleuze (1992) na qual nada se acaba ou termina e as buscas e desejos são incessantes.

No universo dos andarilhos se passa algo muito diferente. Não há uma preocupação com o tempo, sobretudo, nessa experiência de tempo linear no qual na qual a vida é apreendida em três dimensões sucessivas e irreversíveis: passado, presente e futuro. Para eles o passado é algo longínquo, esvaecido do qual também desertaram juntamente com os espaços que habitavam na vida pregressa sedentarizada. Os vínculos com o passado, representado por registros de experiências sociais e afetivas anteriores se esvaeceram e não são reconhecidos ou evocados com guias para o presente. A deserção para o trecho é uma ruptura espacial e temporal. Há um corte no tempo, no espaço e no ritmo vividos anteriormente. Não há mais miragens adiante, objetivos a serem atingidos, projeções da vida, ou seja, não se orientam por um futuro e esperanças de dias melhores.

O tempo para os andarilhos é o tempo vivido radicalmente a cada instante, no dia a dia, nas jornadas tomadas em si mesmas como o sentido da vida e não como meio de garantia de algum futuro, como fazem os sedentarizados, por exemplo, com o investimento de parte do salário, durante todo o período de trabalho de uma vida, no provimento de uma aposentadoria. Por isso a velhice não os preocupa e nada fazem para assegurar coisa alguma adiante, isto é, não acumulam tempo, não gastam mais tempo do que o necessário a cada instante para acumular o que quer que seja para os dias vindouros. A figura da hora-extra de trabalho é completamente desconhecida pelo andarilho. A indispensável água que carregam ou algum alimento, agasalho, peça de roupa e outros apetrechos são aqueles necessários para o dia ou por poucos dias. Alguns se desfazem até dos documentos pessoais por considerá-los desnecessários e difíceis de serem preservados nas condições em que vivem.

A rigor, pode-se dizer que o envelhecimento não existe para os andarilhos, enquanto experiência do tempo real, de tempo vivido, ou pelo menos é uma experiência bem diferente daquela predominante nos sedentarizados. Não existe enquanto uma preocupação com o futuro, uma preocupação com mudanças, dificuldades e problemas que possam ocorrer com ao avanço da idade. Por isso, mesmo também diferentemente dos sedentarizados, não recorrem a qualquer medida de cunho profilático ou preventivo visando reduzir eventuais danos que possam advir com o envelhecimento.

De uma certa forma, a maneira como os andarilhos convivem com o espectro do envelhecimento, sem temê-lo ou sequer se preocuparem com ele, expõe o excesso de preocupação e

as consequentes medidas extremas que as pessoas em geral lançam mão, tais como consumo excessivo de medicamentos, de tratamentos estéticos, de controle de alimentação, de exercícios físicos, dentre outros, como busca compulsivo-obsessiva, de evitar ou retardar o processo de envelhecimento.

A interseccionalidade entre o nomadismo ou a errância dos andarilhos e o envelhecimento permite conhecer outra experiência do envelhecimento e também aprofundar o conhecimento daquelas vividas nos processos de sedentarização atualmente tensionados pelas forças cinéticas do mundo contemporâneo. Permite abrir outra frente nos estudos do envelhecimento e da finitude tomando as mobilidades psicossociais como foco.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa Do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo auxílio financeiro concedido à realização desse estudo.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). Dictionary of Psychology: dromomania. 2018. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/dromomania> . Acesso em 15 de outubro de 2024.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5). 5ª Edição. Porto Alegre: ARTMED, 2014.
- ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; SILVA, Henrique Salmazo. (org.). Envelhecimento e Velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais. Campinas: Editora Alínea, 2020.
- AZEVEDO, Celina Dias. (org.). Velhices: perspectivas e cenário atual na pesquisa Idosos no Brasil. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2023.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BERGSON, Henri. Duração e simultaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BÜLL, Sandra; BERNARDO, Márcia Hespanhol. Aproximações e distanciamentos: novos e velhos trecheiros. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 14, n. 2, 2011, p. 311-324.
- CORREA, Mariele Rodrigues. Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- CORREA, Mariele Rodrigues. et.al. Envelhecimento e subjetividade: dimensões psicossociais. In: BENELLI, Silvio José; DIONÍSIO, Gustavo Henrique. (org.). Perspectivas de pesquisa na pós-graduação: Psicologia e Sociedade. Bauru: Gradus Editora, 2023, p. 111-124.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas v. 10, n.1, 171-188, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>
- DANIEL, Fernanda; ANTUNES, Anna. AMARAL, Inês. Representações sociais da velhice. Análise Psicológica, Lisboa, v. 33, n. 03, 2015, p. 291-301.
- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 219-226.
- FONSECA, Suzana Carielo. (org.). Envelhecimento ativo e seus fundamentos. São Paulo: Portal Edições Envelhecimento, 2016.
- FREITAS, Cledione Jacinto; JUSTO, José Sterza. A produção de indesejáveis no espaço urbano: o caso dos trecheiros. Revista Percurso (Online), Maringá, v. 13, p. 81-107, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/54533>. Acesso em 15 de outubro de 2024.
- JUSTO, José Sterza. Highway wanderers in Brazil and contemporary lifestyles. In: BENELLI, Silvio José; DIONISIO, Gustavo Henrique. (Org.). RESEARCH PERSPECTIVES IN GRADUATE STUDIES: Psychology and society. 1ed.Bauru: Gradus Editora, 2023, v. 1, p. 93-106.

JUSTO, José Sterza; NASCIMENTO, Eurípedes Costa. Errância e Delírios em Andarilhos de Estrada. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n.18, p. 177-187, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200005> . Acesso em 15 de outubro de 2024.

JUSTO, José Sterza; LIMA, José Carlos Franco; CEDENO, Alejandra Astrid Leon. *Psicologia Social e Antropologia: experiências de pesquisa participante e etnográfica. Pesquisas e práticas psicossociais*, São João del Rei, v. 14, 2019, e2492. Disponível em: https://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2492/2072 . Acesso em 15 de outubro de 2024.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa; JUSTO, José Sterza. Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 13, n.3, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300020> . Acesso em 15 de outubro de 2024.

ROZENDO, Adriano Silva.; JUSTO, José Sterza. Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. *Revista Kairós Gerontologia*,v. 14, n.2, São Paulo, 2011, p. 143-159.

SCREMIN, Elton José. *Andarilhos de estrada e trecheiros: percepções sobre a condição de vida, cidadania e acesso à seguridade social. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022. 100 f.*

SILVA, Luciana Codognoto; JUSTO, José Sterza. Errância e nomadismo feminino: o caso de duas mulheres trecheiras. *Psicologia & sociedade (online)*, v. 32, p. e218518, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32218518> . Acesso em 15 de outubro de 2024.

SILVA, Luciana Codognoto; JUSTO, José Sterza, Vidas de mulheres no trecho. In: dos SANTOS, Jenniffer Simpson et al. (Org.). *Psicologia em Tempos de Pandemia*. Santa Maria: Arco Editores, 2023, p. 156-166.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 479–501, 1999.

VIEIRA, P. P. F. et.al. *Envelhecimento e desigualdades raciais*. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 2023.